

# Teocomunicação

Revista de Teologia da PUCRS  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Escola de Humanidades

Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 51-64, janeiro-junho 2017

 <http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2017.1.00000>

OUTROS DIÁLOGOS

## Diálogo ecumênico, promoção humana e busca da paz

*Ecumenical Dialogue, Human Promotion and Peacekeeping*

Tiago de Fraga Gomes\*

### RESUMO

A divisão entre os cristãos é uma realidade dramática. É urgente uma nova concepção identitária que prescindia de uma perspectiva polêmica e apologética, para abraçar uma postura mais fraternal e dialógica. Pensar ecumenicamente, segundo Wolff, requer disposição para entender as razões do outro, para receber críticas e para mudar de opinião caso seja necessário. Convivência, cooperação e diálogo são correlatos de toda ação ecumênica. Geffré propõe algumas condições para o diálogo ecumênico: respeito às diferenças, fidelidade à própria identidade, reconhecimento de certa igualdade entre os interlocutores e busca de pontos em comum sobre os quais se possam estabelecer acordos. Por coerência, os cristãos nunca deveriam renunciar à luta pela justiça, pelos direitos humanos e pela paz, e somente unidos terão chances de persistir nessa empreitada. Segundo Von Sinner, três valores ajudam no empenho ecumênico em busca da paz: confiança, esperança e serviço. A cooperação entre os cristãos no serviço à promoção humana e à busca da paz é o princípio e a culminância do empenho ecumênico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diálogo. Cooperação. Ecumenismo. Promoção Humana. Paz.

### ABSTRACT

The division among Christians is a dramatic reality. It is urgent a new identity conception that dispenses with a polemical and apologetic perspective, to embrace a more fraternal and dialogical stance. To think ecumenically, according to Wolff, requires a willingness to understand the other's reasons, to receive criticism, and to change his mind if necessary. Coexistence, cooperation and dialogue are correlates of all ecumenical action. Geffré proposes some conditions for ecumenical dialogue: respect for differences, fidelity to one's own identity, recognition of a certain equality between the interlocutors and search for common points on which agreements can be made. For consistency, Christians should never renounce the struggle for justice, human rights and peace, and only united will they be able to persist in this endeavor. According to Von Sinner, three values help in the ecumenical commitment to peace: trust, hope and service. Cooperation among Christians in the service of human promotion and the pursuit of peace is the principle and culmination of the ecumenical commitment.

**KEYWORDS:** Dialogue. Cooperation. Ecumenism. Human Promotion. Peace.

\* Doutorando em Teologia pela PUCRS, Bolsista da CAPES. E-mail: <[tiago\\_mail@yahoo.com.br](mailto:tiago_mail@yahoo.com.br)>.



## INTRODUÇÃO

A competitividade impregna o contexto social atual contaminando-o com sua lógica destrutiva, anti-empática e violenta. Cotidianamente a humanidade experimenta uma situação de guerras, violência, exclusão social e desastres ecológicos. Ao invés de colocar-se no lugar do outro para compreendê-lo e edificá-lo, pretende-se muitas vezes tomar o seu lugar, anulá-lo e vencê-lo. É possível perceber no ser humano uma inclinação para o mal, para o pecado, que se faz visível nas relações deturpadas por uma gritante desigualdade, e por uma injustiça insensível e egoísta<sup>1</sup>. Infelizmente, a convivência entre os cristãos muitas vezes não difere disso<sup>2</sup>. O Concílio Vaticano II afirma que a divisão entre os cristãos “contradiz abertamente a vontade de Cristo, e é escândalo para o mundo” (UR 1), pois é um antitestemunho contra a unidade e prejudica a causa da pregação do Evangelho a todas as pessoas.

Os desastres sociais ocorridos no decorrer do século XX levaram a sociedade a repensar a sua caminhada. “A construção histórica das garantias sociais e jurídicas para essas necessidades conduziu a humanidade a um processo que gerou a *Declaração Universal dos Direitos Humanos*.”<sup>3</sup> A ONU propõe através desta declaração de 1948 um ideal a ser compartilhado e vivido por todos os povos. Porém, “apesar dos muitos avanços havidos, a violação dos direitos humanos continua e tem se tornado mais intensa em muitas partes do mundo”<sup>4</sup>. Essa situação se tornou ainda mais aguda nas últimas décadas em virtude da globalização das economias e do sistema de mercado. Diante dessa realidade, os cristãos são chamados a cooperar com a missão de Deus em prol da justiça e da paz, ou seja, da vida, que é o desejo divino para toda a humanidade, pois a luta pelos direitos humanos e pela paz é um elemento central do Evangelho. A fé cristã precisa conduzir a uma prática social consequente, a um operar correspondente ao imperativo do Reinado de Deus na história.

As comunidades cristãs não podem ficar inertes diante de uma dinâmica mortífera e destrutiva que assola os relacionamentos humanos. As Igrejas cristãs são vocacionadas a ser um contraponto ao *status quo* vigente na sociedade hodierna. A inclusão e a partilha deveriam ser características fundamentais inerentes à convivência entre os seguidores e as seguidoras de Cristo<sup>5</sup>. Por isso, as Igrejas cristãs para serem fiéis à obra da evangelização, não devem renunciar ao anúncio de salvação e libertação integral que Cristo oferece a todo ser humano. Quando se fala em ecumenismo, em especial tendo presente toda a sua trajetória de envolvimento com as questões sociais na América Latina nas últimas décadas<sup>6</sup>, é possível lançar luzes sobre as crises e os desafios sociais que interpelam a fé cristã na atualidade.

<sup>1</sup> A partir de um olhar panorâmico, é possível perceber que “a história humana, de um lado, é escrita a partir das diversas formas de violência e, muitas vezes, pelas guerras de povos, grupos e pessoas entre si. De outro, está uma tradição de resolução de conflitos por meios não violentos, portanto, de paz. Poderia dizer-se que a humanidade vive na tensão entre a guerra e a paz, ou entre as formas violentas e não violentas de conviver. O ódio e o amor são os dois pólos entre os quais se move a existência humana enquanto é uma história de conflitividade e resolução de conflitos.” (HAMMES, E.J. *Mística e espiritualidade da paz e não violência*, p. 67-68). A paz não é simplesmente a ausência de conflitos, mas a resolução não violenta e criativa dos mesmos, com vistas à promoção humana e o bem-estar integral das pessoas na sociedade.

<sup>2</sup> Cf. HORTAL, J. *E haverá um só rebanho*, p. 23.

<sup>3</sup> DIAS, Z. M. Sobre os empenhos ecumênicos na promoção e defesa dos direitos humanos, p. 117.

<sup>4</sup> DIAS, Z. M. Sobre os empenhos ecumênicos na promoção e defesa dos direitos humanos, p. 125.

<sup>5</sup> A proposta existencial de Jesus aos seus seguidores é de uma convivência baseada na justiça (Mt 5,10.17-20) e na misericórdia (Lc 4,18-19; 10,25-37; 15,11-32). A comunidade cristã nos seus primórdios se caracterizou pelo ideal da inclusão, da partilha e da solidariedade (At 2,42-47; 4,32-35), e é chamada ainda hoje a ser um lugar de encontro onde se promovam impulsos de socialização oblativa e solidária.

<sup>6</sup> No período do pós-Vaticano II é possível perceber o descortinar de uma racionalidade ecumênica na teologia latino-americana. Wolff afirma que algumas causas determinaram essa nova postura: a) Exigência comum que nasce a partir da emergência de um novo sujeito histórico nas sociedades e comunidades eclesiais da América Latina; b) Colaboração teológica entre as diferentes tradições eclesiais em nível político, cultural e religioso; c) Clima ecumênico na atmosfera teológica e eclesial após o Concílio Vaticano II; d) Estruturas ecumênicas na forma de conselhos que vão acolhendo uma nova hermenêutica da fé como luz que penetra a consciência cristã através do diálogo. (Cf. WOLFF, Elias. *Caminhos do ecumenismo no Brasil*, p. 165-167).

O objetivo desse estudo é explorar algumas contribuições do diálogo ecumênico para a promoção humana e a busca da paz. Segundo Wolff, “a divisão provoca nos cristãos sérias dificuldades para o reconhecimento do verdadeiro Cristo”<sup>7</sup>, pois corre-se o risco de se apresentar apenas facetas ou vultos fragmentados do mesmo. “A divisão cristã é uma realidade dramática”<sup>8</sup> que urge por uma nova concepção identitária que prescindia de uma perspectiva controversa, polêmica e apologética, para abraçar uma postura mais fraternal e dialógica no espírito do Conselho Mundial de Igrejas e do Concílio Vaticano II. Pretende-se apresentar alguns elementos constitutivos do pensamento e do diálogo ecumênicos, para em seguida, elaborar uma relação entre ecumenismo, promoção humana e busca da paz.

## 1 ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DO PENSAR ECUMÊNICO

Pensar ecumenicamente requer a superação de alguns paradigmas: a) *Indisposição para entender as razões do outro*: mal-entendidos e hostilidades como expressão de posturas radicalmente unilaterais e obtusas, estão na raiz de muitas das acusações mútuas as quais prejudicam a compreensão e a vivência integral do Evangelho da caridade. “Posturas fundamentalistas, exclusivistas e absolutistas na vivência religiosa promovem, aqui e acolá, atitudes de intolerância, discriminação e preconceito”<sup>9</sup>; b) *Indisposição à crítica*: quando os debates se destinam a ratificar um posicionamento prévio e irredutível, no intuito de fazer que o outro se conforme ao já estabelecido e se retrate de seus erros, assim não é possível crescimento sincero que amplie a compreensão humana da verdade. “Demorou muito tempo para que houvesse o entendimento que os posicionamentos teológicos diferentes nem sempre se contradizem”<sup>10</sup>; c) *Indisposição para a mudança de opinião*: o medo exagerado de uma ortodoxia “heresiofóbica” pode encarar toda voz dissonante como heterodoxa ou herética, e por isso, manter-se na prepotência acrítica das próprias opiniões pode ser um subterfúgio ao medo da novidade, tendo presente que o Evangelho é a grande Boa Nova que exige conversão e mudança de vida, a fim de superar o pecado, causa de toda divisão, na busca de um *aggiornamento* de nossa existência em consonância com o projeto de Deus.

Colocar-se humildemente em peregrinação tendo a verdade como horizonte teleológico, é condição *sine quo non* do pensamento ecumênico. Em relação às divisões ocorridas nas Igrejas há culpa de ambos os lados. “Extremismos, radicalismos e exclusivismos não foram de uma parte apenas.”<sup>11</sup> É preciso humildade para reconhecer e aprender com os erros do passado, evitando toda posse prepotente da verdade. “Não se pode mudar a história das divisões ocorridas no passado. Mas é necessário reler hoje os fatos e as intenções dos seus sujeitos num novo esforço de compreensão e de busca de superação das suas consequências negativas.”<sup>12</sup> Toda forma de divisão é um empobrecimento da realidade multiforme da vida. É sábia a atitude reconciliadora que percebe no conjunto da diversidade uma manifestação mais equilibrada da amplitude da verdade. Nesse sentido, dialogar é tentar compreender o modo de entender do outro, ou seja, no fundo, é uma atitude empática. Sem empatia, não há como pensar ecumenicamente.

<sup>7</sup> WOLFF, E. *Caminhos do ecumenismo no Brasil*, p. 75.

<sup>8</sup> WOLFF, E. *Divisões na Igreja*, p. 382.

<sup>9</sup> WOLFF, E. *Elementos para uma espiritualidade do diálogo inter-religioso*, p. 297.

<sup>10</sup> WOLFF, E. *Divisões na Igreja*, p. 384.

<sup>11</sup> WOLFF, E. *Divisões na Igreja*, p. 388.

<sup>12</sup> WOLFF, E. *Divisões na Igreja*, p. 389.

Todo pensar exige um método que guie pelos caminhos que se pretende percorrer. Wolff propõe alguns princípios e modelos metodológicos fundamentais do pensar ecumênico. Dentre os princípios, pode-se destacar: a) *O princípio da fé*: a aspiração do pensar e do agir ecumênicos é a unidade da fé; b) *O princípio bíblico*: em Jo 17,21, Cristo faz um apelo pela unidade dos seus discípulos; c) *A identidade eclesial*: a lucidez e a prudência do labor teológico são garantidas pela pertença a uma comunidade eclesial concreta. Só quem tem uma identidade eclesial definida, pode contribuir para o diálogo de forma verdadeira e relevante; d) *A capacidade de diálogo com o diferente*: todo diálogo é pretensamente universal, pois não exclui ninguém; diferenciado, por valorizar os diferentes pontos de vista; e aberto às diferentes possibilidades de enriquecimento e crescimento mútuos; e) *Contextualização*: o pensar ecumênico possui uma função social, ou seja, quer ser uma resposta a determinado contexto com seus apelos e suas esperanças.<sup>13</sup>

Dentre os modelos metodológicos possíveis, destacam-se os seguintes: a) *O método da controvérsia apologética*: não é dialógico, pois pretende mostrar a superioridade da própria doutrina, anatematizando as outras. Nesse sentido, não é possível falar em diálogo como relação aberta e transparente de diferentes compreensões de fé; b) *O método comparativo*: parte das iniciativas de diálogo para, a partir de um conhecimento mútuo, elaborar uma comparação das diferentes doutrinas, explicitando as suas especificidades. Limita-se a uma apresentação das diferentes perspectivas denominacionais; c) *O método contextual-relacional*: as questões sociais podem ser uma mediação válida uma vez que favorecem a aproximação de diferentes Igrejas. Esse método promove uma perspectiva indutiva, dialógica e prática da reflexão da fé, abordando cada doutrina em si mesma na forma como é proclamada e vivida no interior de cada confissão, e em relação ao meio social e às outras confissões, tendo como foco a práxis.<sup>14</sup>

O desafio da reflexão ecumênica, segundo Wolff, é o de explorar possibilidades de uma *hermenêutica da comunhão* para as diferentes Igrejas e para o próprio movimento ecumênico, com o intuito de superar o imperativo “a doutrina divide, a ação une”, a fim de viver a unidade na diversidade, sintonizando teológica e pastoralmente os elementos comuns e superando as divergências históricas. Tal hermenêutica possui algumas características: a) *Bíblica*: tem a comunhão inter-humana e humano-divina como eixo dinamizador da vida das Igrejas, e a Sagrada Escritura como norma fundamental da vida cristã; b) *Eclesiológica*: as Igrejas devem se deixar plasmar à imagem da comunhão trinitária, como povo de Deus que resiste e posiciona-se profeticamente contra as forças de divisão e individualismo da sociedade; c) *A unidade na diversidade*: a unidade não anula as diferenças, desde que estas não sejam contraditórias, mas harmonizadas em uma sinergia que prescinde de toda uniformidade; d) *A hierarquia das verdades*: segundo a UR 11, alguns elementos doutrinários estão mais próximos do fundamento da fé cristã do que outros. Esse fundamento é o mistério pascal de Cristo, critério indispensável da reflexão ecumênica. O que se busca são elementos vinculantes como pontos de unidade entre as Igrejas divididas.<sup>15</sup>

O fazer teológico ecumênico possui três momentos constitutivos: a) *A convivência*: a base de todo ecumenismo está radicada na vivência comum da fé compartilhada pelas diferentes comunidades cristãs. A convivência incita ao diálogo através do exercício do conhecimento mútuo e da mútua aceitação; b) *A cooperação*: necessidades comuns influenciam para que as diferentes confissões tracem critérios e estratégias conjuntas para

<sup>13</sup>Cf. WOLFF, E. *Caminhos do ecumenismo no Brasil*, p. 173-175.

<sup>14</sup>Cf. WOLFF, E. *Caminhos do ecumenismo no Brasil*, p. 176-178.

<sup>15</sup>Cf. WOLFF, E. *Caminhos do ecumenismo no Brasil*, p. 180-184.

a missão cristã e o serviço social, constituindo assim, um ecumenismo prático, motor das relações ecumênicas. A colaboração faz perceber que há somente um povo de Deus que precisa ser servido. A necessidade circunstancial imediata de cooperação alia-se à finalidade última da evangelização que é o testemunho comum do amor cristão em favor do único Evangelho da caridade. “Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,35); c) *O diálogo*: o pensar teológico, como ato segundo, é antecedido pela convivência e cooperação ecumênicas. As diferenças já não assustam mais, está preparado o terreno para o diálogo teológico-doutrinal que busca as razões mais profundas para o ecumenismo prático. Conscientiza-se que nos outros não há apenas diferenças a serem criticadas, mas há um “patrimônio comum” (UR 4), em vista do qual é possível elaborar um projeto de unidade que oriente o agir, o pensar e o viver ecumênicos.<sup>16</sup>

Fundamentalmente, o ecumenismo tem como principal objetivo o testemunho da unidade a partir de três dimensões basilares: a) *O testemunho da unidade no anúncio do kerigma*: diálogo e *kerigma* se complementam na evangelização. O diálogo ajuda a formular o anúncio de maneira mais adequada às circunstâncias. Porém, ambos precisam ser acompanhados pelo testemunho de vida; b) *O testemunho da unidade na diakonia*: a diakonia significa o comprometimento das Igrejas com “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e mulheres de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem.” (GS 1). Assim, vincula-se ecumenismo e promoção humana, os quais são fundamentais para a credibilidade do cristianismo; c) *O testemunho da unidade na martyria*: não poucos cristãos têm sofrido perseguições como consequência do *kerigma* e da *diakonia*. A *martyria* significa a solidariedade cristã em favor daqueles que clamam por justiça e libertação. Jesus é o sacramento fontal do martírio como fidelidade ao projeto do Pai. A fidelidade profética das Igrejas tem como consequência histórica o confronto com os poderes que produzem a morte e a cruz. Trata-se de um martírio libertador como denúncia do pecado estrutural.<sup>17</sup>

## 2 CONDIÇÕES FUNDAMENTAIS PARA O DIÁLOGO ECUMÊNICO

Geffré propõe três condições fundamentais para o diálogo ecumênico: a) Respeitar o outro em sua diferença, ou seja, em sua identidade própria e peculiar; b) Fidelidade à própria identidade; c) Reconhecer certa igualdade entre os interlocutores e buscar uma base ou critério comum sobre o qual os parceiros poderão estabelecer uma plataforma de relações, a fim de proporem um acordo.<sup>18</sup> Segundo Geffré, “todo verdadeiro diálogo implica a consciência de sua própria identidade e o reconhecimento do outro na sua diferença.”<sup>19</sup> Essas são condições imprescindíveis para o diálogo.

O respeito à alteridade, através de um interesse manifesto pelas convicções alheias, ajuda a ultrapassar os preconceitos edificados sobre uma concepção pejorativa ou caricatural do outro, assim como com relação às suas convicções. “Temos dificuldade em assumir convicções que nos são cultural e religiosamente estranhas. É preciso superar os próprios preconceitos históricos não criticados.”<sup>20</sup> O conhecimento do outro é o melhor caminho. Só é possível amar aquilo que se conhece. Seria interessante cultivar o senso de uma *hermenêutica da diferença*, que prescindia de toda *lógica da assimilação*

<sup>16</sup>Cf. WOLFF, E. *Caminhos do ecumenismo no Brasil*, p. 188-192.

<sup>17</sup>Cf. WOLFF, E. *Caminhos do ecumenismo no Brasil*, p. 195-198.

<sup>18</sup>Cf. GEFFRÉ, C. *Crer e interpretar*, p. 144-148; cf. GEFFRÉ, C. *De Babel à Pentecostes*, p. 15-18.

<sup>19</sup>GEFFRÉ, C. *De Babel à Pentecostes*, p. 311.

<sup>20</sup>GEFFRÉ, C. *Crer e interpretar*, p. 144.

no sentido grego, onde só os semelhantes se reconhecem. Uma imaginação analógica “que desvela uma semelhança na diferença, mantendo sempre a diferença”<sup>21</sup>, pode ajudar a escapar do equívoco sem cair no unívoco. A condição *sine quo non* para um diálogo verdadeiro passa pelo reconhecimento do outro na sua *alteridade irreduzível*.

A fidelidade à própria identidade ajuda a superar um diálogo ilusório em sentido irenista. “É ilusão pensar que, para facilitar o diálogo religioso, é preciso pôr a sua fé religiosa entre parênteses ou suspendê-la provisoriamente”<sup>22</sup>. É a partir do engajamento pessoal de cada um dos interlocutores que é possível um diálogo sincero. “Não existe mais diálogo se não estou em lugar nenhum e se pretendo, sob pretexto de abertura e de universalidade, aceder a uma espécie de cidadania mundial”<sup>23</sup>. Nem tudo é conciliável quando se fala em diálogo, pois há elementos que não são necessariamente complementares. No entanto, um diálogo integral conduz a uma melhor inteligência da própria identidade e à celebração de uma verdade mais ampla.

É fundamental o estabelecimento de certa igualdade entre os interlocutores para que haja um diálogo genuíno. É imprescindível buscar pontos comuns de apoio, para edificar a unidade na diversidade, pois “quem diz diálogo diz abertura”<sup>24</sup>, ou seja, quando se dialoga, entra-se na perspectiva do descortinar de uma nova realidade pelo encontro com o outro, e almeja-se um além do diálogo, pela transformação de ambos os parceiros. Nesse sentido, é preciso disposição para dialogar, para que cada um seja mudado na maneira como se apropria da própria fé ao se defrontar com a verdade do outro, pois há uma relativização na maneira como se pretende possuir a verdade a partir de uma reinterpretação das próprias tradições. Verdades diferentes nem sempre são contraditórias, mas podem conduzir a uma verdade mais profunda. O próprio cristianismo testemunha a verdade não de forma exclusiva ou inclusiva de toda outra verdade, mas como uma realidade relativa, no sentido relacional e não no sentido relativista.

Geffré pretende refletir sobre um *ecumenismo planetário*, pois “pela primeira vez na história, a humanidade tem consciência de constituir uma única família habitando a mesma casa comum.”<sup>25</sup> Atualmente vive-se uma nova era da humanidade, cujas características são a mundialização e a globalização, fruto de uma nova possibilidade comunicativa entre todos os seres humanos. Nesse contexto de muitas relações e interconexões, é preciso estabelecer links, e no caso do diálogo ecumênico, se faz necessário buscar critérios comuns de unidade, seja na ordem doutrinal, ética, psicológica, antropológica, mística ou da fé fundamental vivida pelas distintas crenças particulares. Mas, sobretudo, “temos hoje um melhor conhecimento do que são os direitos humanos, tanto no plano individual como no plano coletivo. Sabemos, portanto, melhor o que contradiz as aspirações legítimas da consciência humana universal.”<sup>26</sup> Um diálogo aberto e sincero pode ajudar a superar uma certa esclerose de muitas posturas religiosas fechadas que se negam a reinterpretar aquelas doutrinas e posturas que contradizem um humanismo integral e autêntico.

<sup>21</sup> GEFFRÉ, C. *Crer e interpretar*, p. 144.

<sup>22</sup> GEFFRÉ, C. *De Babel à Pentecostes*, p. 16.

<sup>23</sup> GEFFRÉ, C. *Crer e interpretar*, p. 145.

<sup>24</sup> GEFFRÉ, C. *Crer e interpretar*, p. 146.

<sup>25</sup> GEFFRÉ, C. *Crer e interpretar*, p. 148.

<sup>26</sup> GEFFRÉ, C. *Crer e interpretar*, p. 152.

### 3 DIÁLOGO ECUMÊNICO E PROMOÇÃO HUMANA

Segundo Geffré, “a missão da Igreja engloba atividades como a promoção da justiça, a libertação humana, o diálogo inter-religioso, que não são tarefas acessórias, mas formas autênticas de evangelização.”<sup>27</sup> Faz parte da vocação cristã o engajamento nas questões sociais em prol da promoção humana. Os cristãos, enquanto seguidores da religião bíblica, nunca deveriam largar a bandeira da luta pela justiça e pelos direitos humanos.<sup>28</sup> As injustiças sociais são um apelo constante à profecia e à caridade cristã. Semelhante à parábola do Bom Samaritano de *Lc 10,29-37*, é preciso usar de misericórdia para com aqueles que sofrem injustiça e que são violentados. O amor cristão tende a se traduzir em prática restaurativa. Evangelho e busca da justiça social são correlatos. Como está escrito em *Mt 5,5-7*: “Felizes os aflitos, porque serão consolados. Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”. E em *Mt 25,31-46*, a prática da justiça ganha um significado cristológico, pois Cristo está no faminto, no sedento, no peregrino, no nu, no doente, no preso, ou seja, nos pobres, necessitados e injustiçados.

Em âmbito protestante, desde a Primeira Conferência Evangélica Latino-Americana (Cela I) realizada em Buenos Aires em 1949, o movimento ecumênico latino-americano se preocupou com a questão da promoção humana, proclamando a dignidade e o valor incomensurável do ser humano como criatura de Deus, com direito à igualdade de oportunidades e aos mesmos direitos diante das leis e da sociedade.<sup>29</sup> Na Cela II realizada em Lima em 1961, os cristãos assumem o compromisso de ser no mundo testemunhas do amor de Deus, desejando justiça a todas as pessoas, pela distribuição equitativa dos bens, acesso à cultura e condições de vida digna.<sup>30</sup> Cela III realizada em Buenos Aires em 1969, reafirma a dimensão social do Evangelho diante de uma realidade conflitiva e aponta para um compromisso revolucionário dos cristãos.<sup>31</sup> A Primeira Consulta Evangélica sobre Igreja e Sociedade na América Latina realizada em Huampani (Peru) em 1961, serviu como assembleia de fundação da Junta Latino-Americana de Igreja e Sociedade, que vai se transformar em 1962, em São Paulo, no movimento designado Igreja e Sociedade na América Latina (Isal), berço protestante da Teologia da Libertação. Isal nasceu da preocupação dos cristãos pelo testemunho da fé em âmbito social, e desde o início se caracteriza por forte militância e por uma postura crítica<sup>32</sup>.

Em âmbito católico, o Concílio Vaticano II (1962-1965) marca oficialmente o início de uma abertura ecumênica.<sup>33</sup> O Vaticano II incentiva a cooperação entre os cristãos nas questões sociais afirmando que “nos dias de hoje há entre todos os seres humanos uma ampla cooperação nas esferas da vida social, pois todos são chamados a trabalhar juntos especialmente se crêem em Deus e, além disso, se são cristãos” (*UR 12*). A cooperação entre os cristãos é um motivo de credibilidade para a obra da evangelização, pois torna

<sup>27</sup> GEFFRÉ, C. *De Babel à Pentecostes*, p. 305.

<sup>28</sup> Cf. FRESTON, P. *Fé bíblica e crise brasileira*, p. 112. A fé cristã comporta um imperativo permanente de conversão e transformação pessoal da mente e do coração, e se caracteriza por um profetismo constitutivo que faz ver o mundo com os olhos de Deus, ensinando uma não conformação às relações sociais injustas e egoístas.

<sup>29</sup> Cf. LONGUINI NETO, L. *O novo rosto da missão*, p. 111.

<sup>30</sup> Cf. LONGUINI NETO, L. *O novo rosto da missão*, p. 122.

<sup>31</sup> Cf. LONGUINI NETO, L. *O novo rosto da missão*, p. 126.

<sup>32</sup> Cf. LONGUINI NETO, L. *O novo rosto da missão*, p. 139-141.

<sup>33</sup> Cf. ARBOLEDA MORA, C. *Medio siglo de ecumenismo*, p. 201; Cf. PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do conflito à comunhão*, n. 90. Antes do Concílio Vaticano II, prevalecia uma *teologia da exclusão* ou *exclusivismo eclesiológico*, no espírito do tradicional axioma *extra Ecclesiam nulla salus*. Com o Decreto *Unitatis Redintegratio*, a Igreja católica reconhece uma comunhão, ainda que incompleta, entre todos os batizados, e chama-os a uma cooperação conjunta no espírito do Evangelho.

mais evidente a face do Cristo servidor da humanidade. É preciso ampliar as redes de cooperação que apliquem o Evangelho à vida social, em vista de um desenvolvimento técnico-científico, conjugado com a promoção da paz e da dignidade da pessoa humana. Aqueles que têm fé em Cristo precisam ser os primeiros a cultivar uma mútua estima em prol da vida humana.

Na IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo na República Dominicana (1992), a Igreja católica firmou o compromisso em promover “uma verdadeira promoção humana e cultura cristã” (SD 31). O anúncio do Evangelho exige uma comunidade cristã evangelizada, que viva a comunhão e cultive permanentemente o compromisso com a promoção humana.<sup>34</sup> Segundo o documento de Santo Domingo, “a missão da Igreja é servir, trabalhar pelo Reino. Nessa perspectiva a ‘nova evangelização’ não se reduz a uma revitalização interna da Igreja, mas integra efetivamente a promoção humana e a inculturação do Evangelho.”<sup>35</sup> Os cristãos não podem permanecer em sua autorreferencialidade confessional, alheios ao grande desafio pastoral das Igrejas que é “a inculturação do Evangelho” (SD 230) para que haja uma autêntica promoção humana.

O Papa João Paulo II fez um apelo ao coração dos cristãos, afirmando que toda divisão pode ser vencida pela entrega oblativa à causa do Evangelho, pois todos os cristãos são chamados a permanecer unidos em Cristo, a fim de restaurar a unidade do seu Corpo (1Cor 12,12-30), dilacerado pelas discórdias. “Unidos na esteira dos mártires, os crentes em Cristo não podem permanecer divididos.” (UUS 1). A verdade sobre a cruz como entrega de Cristo em prol da vida que está ameaçada pelas forças da morte, não pode ser ignorada pelos cristãos. Nesse sentido, a unidade na ação em prol da vida, conduz à unidade de fé. “Aos olhos do mundo, a cooperação entre os cristãos assume as dimensões de um testemunho cristão comum, tornando-se instrumento de evangelização” (UUS 40). A unidade na ação é para a sociedade a prova real da coerência da fé cristã.

Acontece cada vez mais frequentemente os responsáveis das Comunidades cristãs assumirem posição conjunta, em nome de Cristo, acerca de problemas importantes que dizem respeito à vocação humana, à liberdade, à justiça, à paz, ao futuro do mundo. Agindo assim, eles ‘comungam’ num dos elementos constitutivos da missão cristã: lembrar à sociedade, de modo realista, a vontade de Deus, alertando as autoridades e os cidadãos para que não sigam pelo declive que os conduziria a espezinhar os direitos humanos. É claro, e a experiência demonstra-o, que em algumas circunstâncias a voz comum dos cristãos tem mais impacto que uma voz isolada (UUS 43).

Para Wolff, “no meio social, o ecumenismo restaura a força profética das Igrejas. Ele testemunha a unidade dos cristãos diante da sociedade dilacerada por forças ideológicas que desintegram a vida humana e do planeta.”<sup>36</sup> A causa do Evangelho deve ser motivo para a união dos cristãos na luta contra as forças do anti-Reino. “O ecumenismo é profético contra os sofrimentos injustos pelos quais passa o povo de Deus, como a pobreza, a fome, a violência. Uma Igreja sozinha pouco ou quase nada pode fazer diante desses desafios.”<sup>37</sup> Isolados, os cristãos têm menos força para profetizar em favor da vida humana e do planeta.

<sup>34</sup>Cf. GOMES, T.F. *A eclesiologia conciliar na América Latina*, p. 64.

<sup>35</sup>ANTONIAZZI, A. A missão da Igreja no documento, p. 205.

<sup>36</sup>WOLFF, E. Igrejas e ecumenismo, p. 26-27.

<sup>37</sup>WOLFF, E. Igrejas e ecumenismo, p. 27.



É preciso levar em consideração que “a concepção atual da missão é condicionada pela consciência nova que a Igreja assume de sua *responsabilidade histórica* perante a estrutura de nossas sociedades e o futuro do homem.”<sup>38</sup> Segundo Geffré, “essa nova consciência é indissociável da virada histórica, representada pelo Vaticano II, no que concerne à atitude da Igreja em relação à Declaração dos Direitos do Homem.”<sup>39</sup> Essa nova sensibilidade da Igreja e dos cristãos em geral, é fruto de uma trajetória de amadurecimento e de conscientização dos cristãos a respeito dos direitos da pessoa humana. Cada vez mais os cristãos se dão conta de que a defesa dos direitos humanos é parte integrante do Evangelho.

Os direitos do homem (inclusive o direito à liberdade religiosa) não são só tolerados pela Igreja como também se tornaram ‘exigência do Evangelho’. [...] Afirmar que a defesa e a promoção dos direitos do homem são exigência do Evangelho é admitir que é impossível dissociar a *evangelização* e a *promoção humana* na única missão da Igreja.<sup>40</sup>

O Papa Paulo VI afirma que cada Igreja cristã está se dando conta de que “o homem a evangelizar não é um ser abstrato, mas está sujeito às questões sociais e econômicas.” (EN 31). Não há como proclamar o mandamento do amor sem a vivência concreta da justiça e da paz que proporcionam ao ser humano uma vida autenticamente digna de sua condição. Nesse sentido, Geffré afirma que é possível “falar de certa continuidade entre a construção de um mundo mais humano, conforme o desígnio de Deus, e a vinda do Reino de Deus.”<sup>41</sup> Na medida em que se trabalha pela restauração da criação e da libertação humana, ocorre uma atualização das forças pascais do Ressuscitado, fazendo prevalecer a vida sobre a morte. Seria errôneo estabelecer um divórcio entre as tarefas espirituais das Igrejas cristãs e as tarefas temporais a serviço da vida humana em sociedade. Faz-se extremamente necessário encarnar o Evangelho em cada tempo e em cada contexto, através de um testemunho explícito de Cristo por meio da transformação da vida humana e da sociedade segundo os ditames do Evangelho da vida.

#### 4 EMPENHO ECUMÊNICO EM BUSCA DA PAZ

A “cultura do encontro”<sup>42</sup> proposta pelo Papa Francisco constitui um cenário eclesial propício para o diálogo ecumênico em busca da paz.<sup>43</sup> Urge superar a divisão atual entre os cristãos para que a humanidade possa experimentar o Reino da paz e da comunhão com Deus.<sup>44</sup> Para isso, faz-se necessário desconstruir antigos preconceitos e discriminações, para que se abram novas possibilidades de aproximação e cooperação. “A paz social não pode ser entendida como irenismo ou como mera ausência de violência obtida pela imposição de uma parte sobre as outras” (EG 218), silenciando-as, na dinâmica da *pax romana* ou da *pax americana*. “A dignidade da pessoa humana e o bem comum estão por cima da tranquilidade de alguns que não querem renunciar aos seus privilégios. Quando

<sup>38</sup>GEFFRÉ, C. *Como fazer teologia hoje*, p. 316.

<sup>39</sup>GEFFRÉ, C. *Como fazer teologia hoje*, p. 316-317.

<sup>40</sup>GEFFRÉ, C. *Como fazer teologia hoje*, p. 317.

<sup>41</sup>GEFFRÉ, C. *Como fazer teologia hoje*, p. 319.

<sup>42</sup>O Papa Francisco fala de uma Igreja “em saída” (EG 24), que “primeira”, ou seja, que toma a iniciativa de ir ao encontro para envolver-se com a vida das pessoas. A cultura do encontro é a cultura do diálogo, do acompanhamento, quebrando esquemas estruturais infrutíferos, para buscar os afastados e abraçar os excluídos.

<sup>43</sup>Cf. WOLFF, E. Concílio Vaticano II, p. 9.

<sup>44</sup>Cf. WOLFF, E. Concílio Vaticano II, p. 10.

estes valores são afetados, é necessária uma voz profética” (EG 218) que reivindique o restabelecimento da justiça.

A paz genuína é construída dia a dia e vem acompanhada de uma justiça integral, cujo fruto mais precioso é a vida plena para todos. Para isso, “o conflito não pode ser ignorado ou dissimulado; deve ser aceito” (EG 226), suportado, resolvido e transformado “no elo de um novo processo” (EG 227), para que seja possível construir uma unidade comunitária em uma diversidade reconciliada. Como cristãos, proclamamos que Cristo “é nossa paz: de ambos os povos fez um só, tendo derrubado o muro de separação e suprimido em sua carne a inimizade” (Ef 2,14). Ele nos envia o Espírito pacificador (cf. Jo 20,19-22). Por isso, “o anúncio da paz não é a proclamação de uma paz negociada, mas a convicção de que a unidade do Espírito harmoniza todas as diversidades. Supera qualquer conflito numa nova e promissora síntese.” (EG 230). A diversidade é enriquecedora quando aceita entrar em um processo constante de reconciliação.

Os cristãos enquanto anunciam o “Evangelho da paz” (Ef 6,15), devem estar abertos a uma mútua colaboração, a fim de que sejam instrumentos de pacificação e testemunhas credíveis de uma vida reconciliada, privilegiando uma cultura do diálogo como forma de encontro, e a busca de consensos e acordos para conviverem em comunhão. “A credibilidade do anúncio cristão seria muito maior, se os cristãos superassem as suas divisões” (EG 244), correspondendo ao apelo do Senhor que deseja que todos sejam um para que o mundo creia (cf. Jo 17,21). Os discípulos de Cristo são peregrinos de um único Caminho (cf. Jo 14,6), e “o ecumenismo é uma contribuição para a unidade da família humana” (EG 245). Urge a busca de um caminho de unidade para a superação do escândalo da divisão entre os cristãos (Cf. EG 246) que é um grande contratestemunho ao Evangelho da verdade, da unidade e da paz.

Como falar de solidariedade e de paz em um contexto de desunião entre os cristãos, de competição institucional proselitista e de confronto eclesial denominacionista? “Com seu testemunho de desunião, as Igrejas não estão cumprindo sua vocação.”<sup>45</sup> Desse jeito, ficam prejudicados tanto o ecumenismo *ad intra* entre os cristãos, como o ecumenismo *ad extra* dos cristãos com a sociedade. A missão cristã começa pelos vínculos relacionais de confiança e de paz. Há algum tempo, as Igrejas vêm tentando articular as suas vozes em um forte apelo pela paz, como é o caso do Conselho Mundial de Igrejas, que em 1948, já em sua primeira Assembleia em Amsterdã, declarou que a guerra é contra a vontade de Deus e que a paz requer uma interferência nas causas dos conflitos entre os poderes, procedimento este em favor da paz e da não-violência que foi seguido em muitas ocasiões posteriores.<sup>46</sup> A grande inspiração é o próprio Cristo. Ele nos ensina a não entrarmos na espiral da violência, renunciando à lógica da agressividade.<sup>47</sup>

Segundo Von Sinner, três valores podem ajudar em um empenho ecumênico em busca da paz: confiança, esperança e serviço. “A confiança é um valor básico, [...] não se pode viver sem ela.”<sup>48</sup> As Igrejas cristãs em geral, gozam de alta credibilidade diante da sociedade. Essa é uma grande responsabilidade. E uma dimensão fundamental da confiança é a procura da superação das desigualdades, “criando uma nova convivência entre iguais.”<sup>49</sup> O Senhor chama os cristãos a edificarem uma ética da confiança mútua,

<sup>45</sup> VON SINNER, R. *Confiança e convivência*, p. 71.

<sup>46</sup> Cf. VON SINNER, R. *Confiança e convivência*, p. 72-74.

<sup>47</sup> Cf. VON SINNER, R. *Confiança e convivência*, p. 76.

<sup>48</sup> VON SINNER, R. *Confiança e convivência*, p. 76.

<sup>49</sup> VON SINNER, R. *Confiança e convivência*, p. 77.

que supere as desigualdades e abra espaços de inclusão, partilha e de bem-estar integral, pois não existe paz “senão na base da confiança entre as pessoas.”<sup>50</sup> A esperança é a visão norteadora da missão cristã. Graças à esperança, é possível “acreditar que a situação atual não é para ficar, mas será transformada, que, de fato, um ‘outro mundo é possível’.”<sup>51</sup> O amor é o princípio da ministerialidade cristã oblativa em favor do mundo, o qual se converte em diaconia. “O serviço é e continua sendo um aspecto fundamental da religião cristã”<sup>52</sup>, sendo o contraponto ao sucesso e a competição mundana. A cooperação entre os cristãos no serviço à promoção humana e à busca da paz é o princípio e a culminância do empenho ecumênico.

## CONCLUSÃO

Unidade não é uniformidade de rito e de teologia. Há legítimas diferenças que devem ser respeitadas. As Igrejas precisam se renovar constantemente para serem fiéis ao Evangelho, que é Boa Nova aos homens e às mulheres de hoje. Tanto a Reforma quanto o Vaticano II convergem quanto a busca de fidelidade à Palavra de Deus, de renovação contínua da Igreja e de evangelização contextualizada atenta aos apelos de Cristo sintonizados aos “sinais dos tempos”. No entanto, “não basta constatar convergências [...] urge abandonar o isolamento [...] para que vivamos ‘todos sob um mesmo Cristo’.”<sup>53</sup> Diante de uma crise atual de identidade ocasionada por mudanças sócio-religiosas, podemos optar entre fomentar atitudes confessionalistas<sup>54</sup>, denominacionalistas ou institucionalistas, ou então, repensar a identidade cristã e eclesial em contexto relacional, dialógico e ecumênico, em um reconhecimento recíproco, o que é fundamental para a construção das identidades e para a busca da paz.

O diálogo ecumênico ajuda a entender que “a identidade eclesial deve estar a serviço da identidade cristã.”<sup>55</sup> Nesse sentido, seria interessante buscar uma melhor forma de viver a identidade eclesial e confessional para além de todo eclesiocentrismo auto-justificativo e excludente, do contrário, a afirmação da própria identidade continuará a ser a negação da identidade do outro, incorrendo em conflitos e anulação alheia. O amadurecimento identitário precisa acontecer dentro de um diálogo integral e sincero, que promova a dignidade da pessoa humana e fomente relações de paz. Diante de inadequações linguísticas para expressar a riqueza do Evangelho, urge empreender uma cura conjunta da memória histórica, conjugada com uma criatividade que lance mão de novos meios para expressar e testemunhar a verdade da fé cristã, tendo sempre como critério fundante o próprio Evangelho da verdade, da misericórdia e da paz. Importa reler as causas das divisões e entendê-las, ver o que há de entendimento comum sobre os respectivos assuntos e traçar novas perspectivas. Um novo agir, ecumênico e pacífico, só será possível a partir da afirmação de um novo ser, empático e dialógico.

<sup>50</sup> VON SINNER, R. *Confiança e convivência*, p. 78.

<sup>51</sup> VON SINNER, R. *Confiança e convivência*, p. 79.

<sup>52</sup> VON SINNER, R. *Confiança e convivência*, p. 79.

<sup>53</sup> WOLFF, E. *Divisões na Igreja*, p. 398.

<sup>54</sup> Nesse sentido, é preciso observar que “o diálogo ecumênico significa afastar-se de modelos de pensamentos que surgiram das diferenças confessionais e as enfatizaram. (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do conflito à comunhão*, n. 34). Como caminho metodológico para o diálogo ecumênico, é possível estabelecer sequencialmente algumas atitudes: 1) Avaliar os pontos em comum; 2) Avaliar o significado das diferenças; 3) Empreender uma busca comum da verdade da fé cristã.

<sup>55</sup> WOLFF, E. *Divisões na Igreja*, p. 399.

O problema é “que nem sempre se compreender *de fato* o que o outro quis dizer.”<sup>56</sup> Cabe avaliar o sentido real dos questionamentos e perceber que a fé não perde a sua força quando expressa em linguagens diversas, e que aquilo que une os cristãos, no fundo, é muito mais forte do que aquilo que os separa. “As doutrinas mostram muitas coisas em comum, mas podem diferir, ou mesmo ser opostas, nas suas formulações. Pelas semelhanças, o diálogo é possível; pelas diferenças, é necessário.”<sup>57</sup> Além disso, é preciso atenção, pois “o que parece ser uma oposição na expressão não é sempre uma oposição na substância.”<sup>58</sup> Uma nova narrativa faz-se necessária, que não seja unilateral e excludente, mas que seja expressão comunitária. “Muito do que dividiu a Igreja no passado, hoje é virtualmente desconhecido”<sup>59</sup> e irrelevante, no entanto, permanecem feridas históricas que precisam ser curadas. “O que aconteceu no passado não pode ser mudado, mas o que e como é lembrado, com o passar do tempo, de fato muda.”<sup>60</sup> O que precisa ser preservado da memória e o que precisa ser reeditado a partir de um novo entendimento a partir da pesquisa, da escuta e do diálogo? Quais contribuições o novo momento histórico que vivemos de pluralismo e de abertura global à informação pode trazer para uma nova vivência cristã?

Entre ecumenismo, promoção humana e busca da paz há uma ligação profunda, pois não há fé autêntica que não se converta em práxis libertadora. Os cristãos estão cada vez mais convictos da sua responsabilidade como testemunhas vivas de um Deus libertador que se envolve na história humana. Por isso mesmo é que os cristãos devem estar sempre dispostos a colaborar entre si e com todos os homens de boa vontade em prol da “edificação de um mundo menos desumano, no qual os direitos inalienáveis de todo homem à liberdade, à dignidade e ao trabalho sejam reconhecidos”<sup>61</sup>, caso contrário, o cristianismo estará sendo cúmplice de políticas excludentes e desumanas, e poderá estar corrompendo as palavras do próprio Cristo, o qual desejou a unidade e a paz entre todas as pessoas. É fundamental que os cristãos tomem consciência de sua missão ecumênica na ordem do testemunho, a fim de que o Evangelho seja encarnado em cada contexto histórico, a partir das opções e do empenho de todos e de cada um em favor da urgência da evangelização.

Se quiserem ser fiéis à sua vocação, os cristãos são chamados a testemunhar as exigências do Evangelho sendo testemunhas do Reinado de Deus que é justiça, paz e amor, ou seja, a vida dos cristãos deve ser sacramento de unidade em favor da salvação integral da pessoa humana. O testemunho cristão precisa ser no mundo o estandarte da misericórdia e da paz. O nome de Cristo jamais deveria ser motivo de preconceito, de discriminação e de exclusão social. É preciso revisar aqueles métodos evangelizadores cujo intuito seja apenas o proselitismo e não a conversão do coração pela vivência da alteridade solidária. Nesse sentido, o diálogo ecumênico tem o potencial de semear a esperança de um mundo melhor, mais humano, mais pacífico, configurado com o desejo de Cristo de “que todos sejam um” (*Jo 17,21*), na vivência do amor integral, para que todos “tenham a vida e a tenham em abundância” (*Jo 10,10*). Pois, sem diálogo não há compreensão mútua, sem promoção humana não há credibilidade para a fé, e sem um

<sup>56</sup> WOLFF, E. *Divisões na Igreja*, p. 404.

<sup>57</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do conflito à comunhão*, n. 32.

<sup>58</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do conflito à comunhão*, n. 33.

<sup>59</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do conflito à comunhão*, n. 11.

<sup>60</sup> PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do conflito à comunhão*, n. 16.

<sup>61</sup> GEFFRÉ, C. *Como fazer teologia hoje*, p. 320.

empenho ecumênico pela paz não haverá a possibilidade de transformação do mundo atual em um lugar melhor para se viver e conviver. Ou os cristãos serão profetas, ou serão apenas religiosos medíocres e conformistas que não compreenderam o verdadeiro significado das palavras de Cristo, o qual revolucionou a história da humanidade como o mestre da inclusão, da samaritanidade e da paz.

## REFERÊNCIAS

- ANTONIAZZI, Alberto. A missão da Igreja no documento. In: *Santo Domingo: ensaios teológico-pastorais*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- ARBOLEDA MORA, Carlos. Medio siglo de ecumenismo: retos del futuro. *Cuestiones Teológicas*, Medellín, v. 40, n. 93, p. 199-212, jan.-jun. 2013.
- BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- BIZON, José et al. (Org.). *Diálogo inter-religioso: 40 anos da declaração Nostra Aetate, 1965-2005*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Ecumenismo: 40 anos do decreto Unitatis Redintegratio, 1964-2004*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- DIAS, Zwinglio Mota. Sobre os empenhos ecumênicos na promoção e defesa dos direitos humanos. *Plura*, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 116-126, jan.-jun. 2013.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRESTON, Paul. *Fé bíblica e crise brasileira: posses e política, esoterismo e ecumenismo*. São Paulo: ABU, 1992.
- GEFFRÉ, Claude. *Como fazer teologia hoje: hermenêutica teológica*. Trad. Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Trad. Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2004.
- \_\_\_\_\_. *De Babel à Pentecostes: ensaios de teologia inter-religiosa*. Trad. Margarida Maria Cichelli Oliva. São Paulo: Paulus, 2013.
- GOMES, Tiago de Fraga. *A eclesiologia conciliar na América Latina: a comunhão gera a missão*. Porto Alegre: Editora Fi, 2015.
- HAMMES, Érico João. Mística e espiritualidade da paz e não violência. *Pistis e Práxis*, Curitiba, v. 7, n. 1, p. 65-82, jan.-abr. 2015.
- HORTAL, Jesús. *E haverá um só rebanho: história, doutrina e prática católica do ecumenismo*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- IV CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Santo Domingo: nova evangelização, promoção humana e cultura cristã*. Tradução oficial da CNBB. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.
- LONGUINI NETO, Luiz. *O novo rosto da missão: os movimentos ecumênico e evangélico no protestantismo latino-americano*. Viçosa: Ultimato, 2002.
- PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi: sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. 20. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do conflito à comunhão: comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017*. Relatório da Comissão Luterana – Católico-Romana para a Unidade. Tradução de Érico João Hammes. Brasília: Edições CNBB; São Leopoldo: Sinodal, 2015.
- VON SINNER, Rudolf. *Confiança e convivência: reflexões éticas e ecumênicas*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

WOLFF, Elias. *Caminhos do ecumenismo no Brasil: história, teologia, pastoral*. São Paulo: Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_. Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do diálogo. *Cadernos de Teologia Pública*, São Leopoldo, v. 12, n. 101, p. 1-23, 2015.

\_\_\_\_\_. Elementos para uma espiritualidade do diálogo inter-religioso. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 31, n. 2, p. 295-308, maio-ago. 2016.

\_\_\_\_\_. Igrejas e ecumenismo: uma relação identitária. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 45, n. 2, p. 18-30, 2005.

\_\_\_\_\_. Divisões na Igreja: desafios para o ecumenismo hoje. *Theologica Xaveriana*, Bogotá, v. 65, n. 180, p. 381-407, 2015.

Recebido em: 11/09/2016

Aprovado em: 04/04/2017

Tiago de Fraga Gomes

Rua do Comércio, 542 – Barra do Ouro  
95532-000 – Maquiné – RS – Brasil